

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

WILLIAM KLEIN À LUZ DO CINEMA

9 e 15 de Janeiro de 2025

### LE BUSINESS ET LA MODE / 1962

*Realização, Fotografia:* William Klein (não creditado) *no quadro da emissão televisiva “5 Colonne à la une” concebida por Jean d’Arcy (director de programas da RTF) e produzida por Pierre Lazareff, Pierre Desgraupes, Pierre Dumayet, Paul Gordeaux, com coordenação de Éliane Victor Com:* Edmonde Charles-Roux, Jessica Daves, Lee Radziwill, Yves Saint-Laurent, Pierre Bergé, etc (não creditados).

*Produção:* RTF (França, 1962) *Cópia:* INA, DCP, preto-e-branco, versão original em francês e inglês legendada electronicamente em português, 14 minutos (sem genéricos: trata-se de um dos motivos de reportagem de uma das emissões do magazine) *Primeira transmissão televisiva:* 7 de Setembro de 1962 (em França) *Inédito comercialmente em Portugal, Primeira exibição* na Cinemateca.

### QUI ETES-VOUS, POLLY MAGGOO? / 1966

*Realização, Argumento, Diálogos:* William Klein *Fotografia* (35 mm): Jean Boffety *Som:* Antoine Bonfanti *Música:* Michel Legrand *Direção artística:* Bernard Evein *Guarda-roupa:* Janine Klein *Interpretação:* Dorothy McGowan (Polly Maggoo), Grayson Hall (Miss Maxwell), Philippe Noiret (Jean-Jacques Georges, o jornalista), Jean Rochefort (Grégoire Pecque), Sami Frey (o Príncipe Igor), Alice Sapritch (a Rainha-mãe), Delphine Seyrig (uma jornalista), Richard Avedon (um fotógrafo), Louis Faure (um fotógrafo), Jeanloup Sieff (um fotógrafo), Fernando Arrabal, Michel Robin, Guy d’Avout, Roger Constant, Francis Dumoulin, Luce Fabiole, Isabelle Garçon, Violette Leduc, Michèle Loubet, Marie Marc, Ivan Nabokoff, Pierre Pernet, Jacques Rispal, Alain Roche, Pierre Baillot, Joanna Shimkus, Jacques Seiler, Roland Topor, Roger Trapp, Paul Bonifas, René Clermont, Gérard Darrieu, Bernrad Musson, George Delamarre, Geneviève Tabouis, Jean Nocher, etc.

*Produção:* Delpire Productions (França, 1966) *Produtor:* Robert Delpire *Primeira apresentação:* 21 de Outubro de 1966, em França *Inédito comercialmente em Portugal Cópia:* Arte, DCP, preto-e-branco, legendada electronicamente em português, 102 minutos *Primeira exibição* na Cinemateca: 1 de Junho de 2018 (“24 Imagens: Cinema e Fotografia | Géneros do fotográfico”).

*filmes de WILLIAM KLEIN*

---

“Não é verídico. É mise-en-scène.”

*off* inicial de LE BUSINESS ET LA MODE

Podia vir de BROADWAY BY LIGHT, o primeiro plano de LE BUSINESS ET LA MODE, quando o título atravessa o ecrã no cimo do enquadramento a negro, da direita para a esquerda, simulando um letreiro luminoso urbano de cadência repetitiva, intermitente. O nova-iorquino primeiro filme de William Klein é de 1958 e é, entre outras coisas, um ensaio sobre a sociedade de imagens e um magnífico estudo da cor à luz do cinema. Este título francês dos anos 1960 iniciais, corriam os tempos da Nouvelle Vague, pertence aos trabalhos que o artista, também fotógrafo e cineasta, realizou a preto-e-branco para a televisão francesa da época, experimentando o poder do movimento das imagens visuais e sonoras. Transmitido em emissões mensais datadas de 9 de Janeiro de 1959 a 3 de Maio de 1968, “5 colonnes à la une” consolidou-se como uma referência dos magazines de informação e foi aquele para o qual William Klein realizou algumas reportagens que hoje se destacam como títulos autónomos. É o contexto de LES TROUBLES DE LA CIRCULATION, LE BUSINESS ET

LA MODE, LA GARE DE LYON (três títulos desta retrospectiva), que não fazem o pleno dos trabalhos de Klein na época.

Outro caso referenciável do “eixo moda” é AUX GRANDS MAGASINS, que Klein escreveu e realizou para a RTF em 1964, no quadro da série de Eliane Victor “Les femmes aussi”, filmando uma atriz, Simone Signoret, nos corredores de um conhecido armazém-loja parisiense, em diálogo com mulheres de diferentes meios sociais e faixas etárias. Nesse sentido menos popular, LE BUSINESS ET LA MODE remete directamente para o mundo da alta-costura, o negócio e os meandros da moda, ficcionalmente representados em QUI EST-VOUS, POLLY MAGGOO? É, aliás, possível estabelecer ligações directas entre as personagens da primeira longa-metragem de Klein e esta sua curta “documental”, em que uma das grandes figuras é o jovem Yves Saint-Laurent, que aos vinte e seis anos afirmava a marca com o seu nome, ao lado da mãe que havia dez anos acompanhava os seus passos de criador de moda. Dois dos planos de Klein fixam-nos a ambos a olharem para a câmara ou olhando em direcções diferentes numa composição suficientemente expressiva.

É sobre o estilo de Saint-Laurent chegado a Paris como jovem promessa, e porque “o futuro da moda é e será sempre a criação, a criação da alta-costura na medida em que pode ser assumida pelo pronto-a-vestir”, que uma mulher elegante testemunha, por antecipação, tratar-se do de um costureiro de excepção. Em *raccord* com estas declarações, filmadas num belo grande plano de perfil, o filme passa a ser habitado por imagens do segundo desfile de Saint-Laurent, que “desta vez joga a sua carreira, se for uma desgraça terá de fechar a sua casa de costura, se for um sucesso talvez venha a ser o Dior do futuro, o seu sucesso depende da opinião de uns quantos formadores de opinião” (nota *o off*). A alegria sorridente dos corpos e dos rostos registados em imagens fotográficas e filmicas propõe a resposta *feliz*, a caucionar pelo tempo. Assim, a “reportagem” de curta-metragem de William Klein vai da paródia ao retrato, numa confluência futura da actualidade com o registo histórico.

“Não é verídico. É mise-en-scène. Uma grande revista americana apresenta assim, às suas leitoras, a moda francesa deste Verão. Amanhã, o vestido de x será copiado e vendido nos Estados Unidos em milhares de exemplares.” No princípio de LE BUSINESS ET LA MODE a narração *off* sobrepõe-se a imagens de vaga histeria mediática em que uma mulher, da alta-roda vestida, grita à turba de fotógrafos que para que a deixem em paz. A cena inclui imagens fixas, planos em pontuação enquanto a voz *off* remata: “Pedimos a William Klein, um dos grandes fotógrafos americanos, que nos dê a ver, à sua maneira, as personagens e os cenários deste grande negócio [a alta-costura francesa nos EUA]”. Tirando os milhares de dólares envolvidos na galeria radiográfica de LE BUSINESS ET LA MODE, podia ser o rascunho de POLLY MAGGOO.

QUI EST-VOUS, POLLY MAGGOO? é construído numa polissemia de imagens, reflexos e reflexões sobre a voracidade de uma cultura da imagem ou das imagens. Pelo excesso, perde-se até alguma coisa. A demasia do filme vai buscar um pouco de tudo, constituindo um curioso exemplo de “um outro” cinema francês em época de Nova Vaga: as fotografias, o desenho, as linhas gráficas, colagens, a televisão e a moda, o discurso e a rua, as ideias feitas e a maneira como se vivem ideias feitas, como histórias de príncipes e princesas, de pessoas belas e belas pessoas. Polly Maggoo é uma super-modelo americana em Paris; o “qui est-vous” um programa documental dedicado a inquirir personalidades que retrata; o título do filme o desse documentário cuja rodagem é “um filme no filme”, que alberga outras coisas, como a fotografia de William Klein e a sua experiência de fotógrafo de moda. Nos bastidores de um desfile de moda ultra-sofisticado no espaço plebeu de um aristocrático castelo, a abertura é esfuziante, metalizada, elegante, mordaz, algo gélida na irrepreensibilidade do charme. De outra maneira, esta primeira sequência é outro “filme no filme”, cheio de luzes e acção, placas de alumínio de superfície reflectora que vestem modelos esculturais

numa encenação luxuosa orquestrada por um costureiro inspirado em Yves Saint-Laurent. (e onde uma gota de sangue não perturba o costureiro porque não perdurará como mancha)

William Klein conhecia bem o mundo da moda, de onde nasce POLLY MAGGOO. É sabido que a fotografia o levou para lá e que foi porventura a moda que o afastou da fotografia entre os anos 1960 e 80 em que sobretudo se dedicou ao cinema. A vida que encontrou em França, onde passa a residir a partir de 1948, só foi interrompida pelo regresso intermitente a Nova Iorque entre meados dos anos 50 e meados dos anos 60, os dez anos em que trabalhou para a revista *Vogue*, fazendo as imagens que se tornaram mais conhecidas do que as fotografias de rua, o seu “elemento” – “Na *Vogue*, as raparigas faziam o papel de duquesas, e eu fazia o papel de Cecil Beaton”. Foi na *Vogue*, que publicando o seu trabalho publicou as “fotografias de moda menos populares da revista” – satisfação dele – que o contraste acentuado e granuloso, o movimento, a nebulosidade, os enquadramentos gráficos, o uso da grande angular anamórfica e da teleobjectiva, confluíram num estilo reconhecível. Foi a *Vogue*, sob os auspícios do director artístico Alexander Liberman que o contratara, que indirectamente financiou o projecto do “jornal fotográfico” de Nova Iorque cujo poder de choque impopular na época havia de tornar-se matéria de culto nas décadas seguintes, sendo *Life is good and good for you in New York* o primeiro dos seus livros de fotografia sobre cidades, a que, até 1964, se juntaram edições sobre Roma, Moscovo e Tóquio.

A preto-e-branco, a sátira de POLLY MAGGOO é uma representação algo delirante do mundo da moda, da televisão, da sociedade mediática. Uma modelo, Dorothy McGowan, que Klein recorda como uma Alice no País das Maravilhas em Paris, protagoniza a super-modelo que ele mergulha numa crise existencial face a imagens consumidoras de vida. Há a editora da revista, Grayson Hall, evocando Diana Vreeland, conhecida editora da *Harper's Bazaar* e da *Vogue*, que chega a gritar a morte da moda e um viva por ela. Há o realizador e os jornalistas, um circo de personagens, situações e cenários que se vão desencadeando numa bizarra mistura de registos, também de opereta, expondo a superfície excêntrica de um reflector de angústias. Tudo gira à volta de Polly Maggoo, sobre cujo rosto o filme termina num breve paralítico.

A interrupção do movimento, como a aceleração e o retardamento das imagens, é um dos recursos formais de William Klein neste filme, no qual a fotografia é também convocada na sua própria matéria, mas entre um turbilhão de elementos. O carácter rodopiante de *QUI EST-VOUS, POLLY MAGGOO?* joga na dispersão, acabando o filme por ressentir-se dela. William Klein reincidiria na ficção satírica voltando-se para o imperialismo americano logo no seguinte *MISTER FREEDOM* (1969), embora seja no território documental, frequentemente atravessado pelo espírito do activismo político, que o seu cinema mais e mais influentemente se exprimiu. Como *MUHAMMAD ALI, THE GREATEST* (1974), um belo e complexo retrato do então jovem pugilista Cassius Clay.

Maria João Madeira